

A ILLUSTRACÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL
DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

Redacção e administração: 13, quai Voltaire.

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar avulsos: em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua da Alameda, Lisboa; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE MELO, 24, rua da Quitanda. Rio de Janeiro.

Preço do numero à Paris, 2 franc.

3.º ANNO. — VOLUME III. — N.º 14.

PARIS 20 DE JULHO DE 1886

Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELO, 34, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO (CORTT)	12,000 REIS.
SEMIESTRE (CORTT)	6,000 —
ANNO (PROVINCIAL)	14,000 —
AVULSO	500 —



VILLEGIATURA. — A chegada ao velho solar.



CHRONICA

O CORRO DE DEUS

DISSERAM-ME os jornais de Lisboa que, por ordem superior, se tinha suprimido a procissão do *Corpus-Christi*, permitindo-se apenas que ella dísse uma volta em torno da Sé.

Os jornais dão ás vezes tanta noticia falsa, que apesar de ter lido esta, com os meus próprios olhos, em mais d'uma gazeta, não acreditei tal...

Esperei informação mais segura. Alguem chegado ha pouco de Lisboa confirmou-me o boato que corria pelos jornais.

Effectivamente, no dia 24 de junho, ninguém viu a procissão nas ruas da cidade, aquella procissão tão pittoresca, tão profundamente portugueza; aquellos pretinhos de São Jorge, vestidos de encarnado, tocando pifanos, o que tanto dividia a multidão; nem aquelle São Jorge que tinha o ar d'um cavalleiro de praça de touros; nem aquelle homem de ferro, vestido de lata, deitando-se em suor debaixo da scintillante armadura; nem aquelle anjinho que parecia ter saído horas antes da confeitaria do sr. Rosa Araújo; nem aquellas basilicas que derreavam o mais possante e o mais atarracado filho da Galliza e do chafariz do Carmo; nem aquelles cavallos d'estado, cobertos de ricos xaleis bordados; nem aquelle Cabido da Sé, de ricos paramentos bordados a ouro; nem aquellas fardas dos srs. ministros; nem aquellas capas dos grãos-cruzes da ordem de Christo; nem aquelle pallio solemne e antigo, sob o qual caminhava gravemente, em passo marcial, Sua Magestade El-Rei, que o povo apontava com o dedo e a quem o monarcha enviava de quando em quando um sorriso amigo... Nada d'isto se viu nas ruas de Lisboa! Apenas uma teiate e pobre procissão, dando uma volta em torno da Sé, e entrando alguns minutos depois para dentro da igreja, temendo o olhar ardente do sol peninsular, como que apupada por um grito de heresia do publico de Lisboa.

A capital deixou de possuir um dos seus espectaculos mais caracteristicos. Amanhã a mesma « ordem superior » ha de prohibir a procissão da Saude; depois a procissão do Senhor dos Passos da Graça; depois a procissão dos Rimos; e por ultimo ha de ser prohibidos os festejos populares da vespere de Santo Antonio e da vespere de São João.

Feito a limpeza em Lisboa, a « ordem superior » ha de passar a sua vassoura idiota pelas provincias, ha de prohibir os cirios, as festas do Senhor da Serra, as festas da Nazareth, as festas da Rainha Santa e as festas do Bom Jesus.

E tudo isto se ha de fazerem nome d'uma falsa Civilização, em nome d'um falso Progresso, sem que da imprensa — instituição que se fundou para defender o direito e a liberdade de todos — se erga uma voz, como agora se não ergueu, para protestar contra semelhante absurdo, contra semelhante idiotismo, contra semelhante asneira!

Eu não sei, nem mesmo proximo saber, quem prohibiu, nas ruas de Lisboa, a procissão do *Corpus-Christi*. Seja quem fór, praticou um acto idiota. Seja quem fór, tem nas suas mãos um poder illimitado de que elle só se serve — para praticar dispendioses h...

Os meus leitores sabem-n'o tão bem como eu — que não sou um beato, porque n'este mesmo lugar o tenho affirmado mais d'uma vez, n'uma ou noutra questão religiosa que se tem levantado em volta d'este jornal.

Não tenho tempo para andar a bater no peito, pelas egrejas. Nem mesmo que o tivesse o faria, porque o tempo hoje é pouco, as horas correm mais de pressa que ha cem annos — e um homem tem deveses a cumprir sobre a terra, para os quaes nem todos os minutos bastam, nem mesmo todos os minutos d'uma longa existencia.

Ora a razão por que venho lavrar aqui o meu protesto contra semelhante acto, não é por beatismo, mas porque a ninguém, ministro ou rei, assiste o direito de retirar a um povo um espectáculo que elle ama — espectáculo religioso ou profano — quando em troco lhe não proporcionam um outro mais bello, mais apazível á vista, e que mais lhe diga ao espirito e ao coração...

Suprimto-se a procissão do Corpo de Deus. Mas que se dou em troca d'esse espectáculo religioso, ao povo de Lisboa? Onde está o outro espectáculo? Onde está a outra distração para o seu espirito? Qual ella? Festa popular, festa official, regatas, corridas, concursos, kermesse ou exposição h...

Nada d'isto eu vejo annunciado nos jornais, nem na folha official. Só sei que os sessões do nosso municipio são cada vez mais insipidas; que o theatro de São Carlos é cada vez mais curo; e que para junho se abre, com a mesma melancholia e a mesma rhetorica que nós todos conhecemos, a sessão parlamentar em São Bento. Povo de Lisboa! Acabas de ser roubado h...

Senhores ministros! Senhora auctoridade!

Os senhores entendem de Civilização e de Progresso, como um qualquer barbeiro d'aldeia ou um qualquer veterinario de provincia pode entender e fallar de pintura. Os senhores consideram Civilização e Reformas uteis — tirar ao paiz todo o caracter pittoresco, essencialmente portuguez, que elle possa ter, sem lhe dar em troca ideias uteis e coisas praticas.

Porque vivam meia duzia d'ignorantes ou meia duzia de trocistas, rirem da procissão de São Jorge, suprimiram a procissão, sem repararem que ha milhares e milhares d'individuos que não tendo para o anno este espectáculo da vista, vão n'esse dia talvez encher as tabernas — para depois irem encher os calaboiços da policia!

O povo é como as creanças. Quando se lhes tira alguma coisa, que é um defeito ou um perigo, é necessario que se lhes distraia a attenção para outra coisa util e instructiva. Se o não fazem, as creanças cretinisam-se e o povo perverte-se.

Se a procissão é uma velharia que se deve prohibir e abolir — proporcione-se ao povo um outro espectáculo onde elle se divirta, e onde ao mesmo tempo elle se civilize. O que é inadmissivel, o que é profundamente estúpido, é retirar-lhe uma diversão que em nada o pervertia, para o deixar apenas á mercê da mandrice e do vinho; onde elle se embrotece, onde elle se aniquila!

Escrevo estas linhas d'um paiz peguoso como o nosso, mas grande pela sua industria e pela sua agricultura. Escrevo da Belgica, escrevo de Bruxellas.

Parece-me que Bruxellas, em civilização e em muitas outras coisas, é uma capital muito superior a Lisboa. Pois aqui, senhores ministros e senhora auctoridade portugueza, nunc ninguém pensou em tirar arbitrariamente ao povo os seus divertimentos e os seus espectaculos tradicionais. E uma cidade elevada ao maior grau de civilização, sem em nada ter perdido do seu caracter nacional.

A Belgica foi o primeiro paiz da Europa que assentou um caminho de ferro; o primeiro paiz a introduzir todas as revoluções que no nosso seculo se tem operado por meio do vapor e por meio da electricidade. E ainda ha um anno o mundo inteiro viu do que a Belgica era capaz, na grande exposição internacional d'Anvers.

Pois apesar de todas estas reformas e de todas estas revoluções materiaes, praticadas dentro d'um paiz que quer ser essencialmente moderno, a Belgica conserva intacta a tradição antiga, a tradição flamenga.

Percorrendo hoje as ruas de Bruxellas, eu vi affixados grandes cartazes, tendo no alto os escudos da municipalidade, annunciando ao povo que vac comecar a tradicional kermesse.

Em todas as praças se erguem corticos, artisticamente ornados, onde as philharmonicas tocam as musicas populares, as musicas nacionaes da velha Flandres. O povo acompanha em coro, cantando antigas canções. Os velhos sentados ás portas e pelos passeios, e as burguezinhas pelas janellas, contemplam, felizes, os rapazes e as raparigas cantando e dançando ao ar livre, illuminados por grandes focos de luz electrica. As cervejarias transbordam de gente. A cerveja corre a jorros, limpida, dourada, espumante. Ainda pelo ar um grande rumor de festa, de verdadeira festa popular. As filhas de Rubens riem deliciosamente, mostrando bellos rostos brancos e rosados, bellos cabellos mais frescos e mais loiros que os linhos maduros; — e ao contemplar esta scena sente-se resuscitar a velha Flandres, este povo que Rubens e Teniers immortalisaram.

Em Bruxellas é a municipalidade, é o proprio governo que convidam o povo a divertir-se e a alegrar a cidade, não deixando esquecer as bellas scenas populares do seculo XVII. E é esta mesma municipalidade e este mesmo governo, que ao terminar a kermesse provocam o povo ao trabalho, indicando-lhe qual é o caminho do dever e da riqueza.

Pois a kermesse tambem é uma velharia, como entre nós as procissões e as festas do Santo Antonio e do São João. Não é velharia, meus senhores, é uma tradição nacional. E é justamente por isso, porque é uma coisa velha, uma coisa antiga, uma pagina viva da historia popular, que, longe de a abolirem, as auctoridades são aqui as primeiras a auxiliá-la e a promovê-la.

E assim como na Belgica se respeitam as kermesses, tambem em França, mesmo dentro de Paris, a municipalidade é a primeira a respeitar e a promover as feiras, chegando-se mesmo este anno, ainda ha um mez, a fazer no jardim das Tulherias uma reconstrução das feiras populares do seculo XVI e do seculo XVIII.

Tenhamos mais um bocado de respeito pela tradição popular. Se o governo não quer sustentar as procissões, está no seu direito. Mas o que não pode — nem deve — é abolil-as.

E se elle quer, pelo seu lado, desviar a attenção do povo n'outro sentido mais moderno, e mais util, e mais civilizador, que o governo faça o que faz a Belgica e a Hollanda — promover todos os annos concursos e exposições, fazer festas em honra da nossa actividade agricola e industrial, de modo que o povo tenha orgulho e a satisfação do que é e do que vale!

MARINHO PINA.





AS NOSSAS GRAVURAS

VILLEGIATURUM.

TODOS os annos, por esta epocha, a *Illustração* prosa sempre offerecer aos seus leitores gravuras que sendo essencialmente artisticas, nem por isso deixam de trazer estampada a actualidade do momento.

Agora o assumpto principal a principal preocupação, são o campo e as praias.

Enquanto muitas famílias procuram na tranquillidade da provincia uns bons dias de repouso, outras correm febrilmente para as praias, passando o tempo em regatas, em bailes, em partidas de pesca, em longos e alegres passeios, no longo das costas, rindo, comendo e cantando.

Qualquer d'estas duas vidas de verão, os nossos leitores vêem hoje habilmente interpretadas por dois artistas de immenso talento — um, reproduzindo uma chegada ao velho solar, outro pintando uma caçada ás gaivotas, em pleno mar.

Chamamos da nossa primeira pagina:

É um desecho d'um grande modernismo, pela elegancia do traço, leveza e graça natural com que está tratado.

A scena não pode ser mais simples, e tão simples, que n'outras mãos menos habéis podia ser perfeitamente banal. Mas o artista superior ao contemplar o seu quadrinho — a chegada da velha dignidade defronte do antigo solar — os primeiros abraços e os primeiros beijos que se trocam entre os que estão e os que chegaram — o descor das malhas — toda esta scena de férias que tanto impressiona o nosso espirito — o artista superior ao contemporâneo sabe arrancar effeitos que nos encantam e nos maravilham, como no caso presente.

Quem ha ali, dos tristes moradores d'uma cidade, que por fim dia de 30 dias a sombra, ao olhar para a nossa pagina tão simples e tão fresca, não sorria logo, e não veja reviver no seu espirito recordações grádas d'outros annos, quando tambem foi e feliz personagem que o nosso desenho reproduz, fugindo do calor da cidade para procurar nas bombas frescas dos campos o bem-estar que a capital lhes não offerece?

Aquelles viajantes são os felizes da terra, as creaturas ditas que conhecem todos os encantos da bella villegiatura. E ao olhar para aquelle palacete da provincia, para aquelle recanto de provincia tão tranquillo e tão poético, acode-nos melancolicamente ao espirito a doce recordação de tempos idos, d'alegrias passadas, quando a nossa mocidade ria doidamente pelas estradas floridas de Cintra, de Colares, de Bellas e do Bussaco.

A segunda gravura a que alludimos mais acima, é a reprodução d'um esplendido quadro que Paris inteiro admirou no Salon de 1885. Intitula-se — *A cada das galinhas vivotas*.

É uma tela impregnada d'uma phantasia encantadora. Por um bello dia, doce e limpo, sobre um marcalmo por onde desfilava um barco, sem o menor balano, duas senhoras, duas elegantes, duas mundanas acompanhadas por um velho lobo marinho remando lentamente, atráram as gaivotas que passam ao alcance das suas espingardas.

Ao longe, nas brumas, d'um horizonte tranquillo as velas brancas das embarcações destacam-se sobre o cón, enquanto que um vôo d'aves traça no ar um rápido sulco.

A feliz execução d'esta scena tão simples e sem pretensões, faz honra ao sr. Alfredo Guillou, um moço artista parisiense de grande futuro. O seu quadro foi muito apreciado em Paris em 1885, pelos amadores de coisas modernas e mundanas. Creemos q'nesta pagina graciosa tambem ha de agradar aos nossos leitores, todos elles tão familiarizados com scenes de praias, como esta que hoje reproduzimos.

Apoiar da costa de Portugal não permittir grandes passeios no mar alto, as caçadas ás gaivotas são muito frequentes em Peniche, na Nazareth e na Figueira. Mas ha principalmente um sitio agradabilissimo para este genero de sport. Alludimos á bahia de São Martinho do Porto, entre Alcobaca e Alcaide da Racha, um dois sitios mais admiráveis que todos conhecemos para caçadas no mar, e principalmente para regatas.

A nossa gravura reproduz uma scena muito usual do mundanismo parisiense nas praias da França. As caçadas ás gaivotas são muito apreciadas não só pelos homens, mas principalmente pelas senhoras — pelas modernas e mundanas. Creemos q'nesta pagina graciosa tambem ha de agradar aos nossos leitores, todos elles tão familiarizados com scenes de praias, como esta que hoje reproduzimos.

FRANÇA. — A EXPULSÃO DOS PRINCIPES.

OCASAMENTO de S. A. R. o Príncipe D. Carlos com S. A. R. a Princesa D. Amelia d'Orléans deu uma tal actualidade em Portugal nos Condes de Paris e a toda a sua familia que nós julgamos do nosso dever de jornal bom informista, pôr os nossos leitores ao corrente de todos os factos que ha pouco se passaram em França e que fizeram rebentar uma guerra sem tréguas entre a Casa d'Orléans e a Republica franceza.

He muito que a Republica tinha desejos de mandar para o exilio os representantes da monarchia, os descendentes de Luiz XVI e de Luiz-Philippe — principalmente depois das famosas eleições do dia 4 d'outubro de 1885, de que sahio victorioso o partido monarchico perdendo a Republica muitos deputados.

Faltava, porém, um pretexto, e este pretexto surgiu com a viagem de S. A. R. o sr. D. Carlos a Paris.

Todos os nossos leitores sabem o fim d'essa viagem — foi travar relações com a illustre princessa que hoje é sua esposa, com a gentilissima filha dos Condes de Paris.

Quando o casamento foi tratado, as escripturas assignadas, vindo para este fim a Paris o sr. Antonio de Sampa Pimentel, e quando a familia d'Orléans estava em vespas de partida para Lisboa — o sr. Conde de Paris recebeu uma noite no seu palacio da rua de Valenciennes toda a alta sociedade parisiense, o mundo aristocratico, diplomatico, scientifico, litterario e artistico, todos uniram que em Paris tem um nome.

Nessa recepção os Condes de Paris e a Princesa Amelia receberam as felicitações de todos os seus amigos. E na sala de recepção vieram sobre uma mesa todos os presentes offerecidos a S. A. e que figuravam, desenhos pelo sr. Gutzwiller, na primeira pagina d'um dos ultimos numeros do 3.º anno da nossa *Illustração*.

Como n'essa recepção tivessem apparecido varios ministros plenipotenciarios accreditados pelos respectivos governos junto de governa da Republica, e como os jornaes monarchicos de Paris no dia immediato fizeram a descripção d'aquella recepção no mesmo tom em que se fallaria de monarchias sobre a throno — um deputado republicano apresentou na Camera uma proposta de lei para que os principes fossem expulsos do territorio francez.

Parece-nos excusado fazer-lhes a descripção de todos os debates que esse projecto provocou, tanto na Camera dos deputados como no Senado, principalmente no Senado, onde se ouviram dois discursos notabilissimos — um, do sr. Jules Simon contra a expulsão; outro, do sr. Freycinet a favor da expulsão.

Foi o partido radical, e partido quasi-socialista da camera, capitaneado pelo sr. Clemenceau, o unico orador de quem Gambetta tinha medo — que levantou a questão dos principes para pôr em crise o actual ministerio Freycinet.

De modo que os principes estavam sendo, por uma nova questão de opposição sacrificados por todos os grupos da Camera — á excepção do conservador.

E o projecto foi votado. E já se acham no exilio todos os representantes directos das varias familias que tem relacio com França, e seus filhos. São os Condes de Paris e seu filho o duque d'Orléans, o príncipe Jeronymo Napoleão e Victor Napoleão.

Não damos hoje os retratos de cada um d'elles, porque a *Illustração* já em tempo os publicou.

No primeiro volume do primeiro anno demos os retratos do príncipe Jeronymo e Victor Napoleão.

Ultimamente, a propósito do casamento real, demos os retratos dos ses. Condes de Paris e de seu filho o duque d'Orléans.

Limitamo-nos portanto á descripção da partida dos Condes de Paris.

A nossa primeira gravura representa a Partida do Castello d'Eu.

Teve lugar no dia 23 do junho, ás duas horas da tarde. O principio do dia foi empregado na grande recepção de despedida, tendo ido de Paris e das provincias a Eu mais de 10.000 pessoas despedirem-se dos illustres chefes do partido monarchico.

As duas horas, finda a recepção, os Condes de Paris mettem-se em landaus que conduzem ao Treport, onde os espera o vapor inglez Victoria, sendo delirantemente acclamados pela multidão, durante todo o caminho.

A chegada ao caso. E aqui que a manifestação dos monarchicos toma enormes proporções. Uma multidão enorme invade o caso e as rias proximas.

Victoria está a dois passos, prompto para largar das suas amarras e ir para o mar. É um vapor da companhia de New-Haven, todo de ferro. Construido em 1878, é considerado como um dos barcos que melhor marcham no canal da Mancha. Tem 67 metros de comprimento. Quando os Condes de Paris chegam ao caso, para

emborcar na Victoria, só se ouvem acclamações e vivas, a scena é realmente imponente.

No momento em que o Conde de Paris entra na Victoria, capitão manda levantar o pavilhão francez. E só se ouvem então os gritos de Viva a França! Viva o Rei! Viva o Conde de Paris!

A partida. Uma numerosa flotilha não só de barcos a vela, mas tambem de barcos a vapor, fez cortejo ao Victoria. Sobre o ponto do vapor o sr. Conde de Paris respondeu ás acclamações que se ouviam de todos os lados — e ao ver tanto entusiasmo e tanta dedicação por uma familia, sentiu-se que a casa d'Orléans occupava um grande lugar no coração da França, e que este exilio vae envolver d'uma aureola principes que não ainda haviamos de ver entrar triumphalmente em Paris.

A ESTATUA DE LAMARTINE.

REALISOU-SE no dia 7 de julho, em Paris, a inauguração d'uma estatua a Lamartine, no square Victor Hugo, square que ficou tendo, a partir d'aquelle dia, o nome do poeta.

Não pensamos por isto que a memoria de Hugo e a sua gloria ficaram abaladas. Não. A gloria de Victor Hugo é grande, e não o uma praça de mais ou de menos que hoje influi á sua gloriosa posteridade. Enquanto que Lamartine, poeta tão grande como Hugo, tem apenas uma posteridade acanhada; por estes revezes de sorte e por estas ingratidões ou ignorancias do publico, que difficilmente se podem explicar.

Mas eis que Paris acaba de reparar em grande parte a divida em que a França estava para um seu illustre poeta — erguido-lhe uma estatua no proprio coração de Paris, n'um dos sitios mais bellos e mais pittorescos, em Passy, verdadeiro recanto d'aristocratas.

Nos sabemos que o auctor dos *Méditations*, de *Jocelyn*, de *Raphael* e de *Graciette*, e de tantas outras obras maravilhosas de sentimento e d'estylo, tem muitos e entusiasticos amadores não só em Portugal, como tambem no Brazil.

É por esse facto que a *Illustração* dispensa hoje uma pagina ao poeta, publicando uma gravura em que é fielmente reproduzida a estatua que ha pouco se inaugurou, obra do escultor francez Vasselot.



SUPPLICA

Já viste a florinha que aos beijos da lua
Remoça do céu?
Assim a minha alma de facto volveida,
Ao veros tras olhos de fogo, querida,
Revive d'amor.

Eu sinto a existencia tremer enlaçada
N'um riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio dos vales, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!

Nas trez madeixas existe o perfume
Das castas donzinas,
E quando esses labios se entreabrem de leve,
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve,
Quaes perolas finas...

E então a minha alma vacilla encantada
N'um riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio dos vales, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!

Tu és tão formosa!... De boa, de santa,
De meiga que és;
Eu dava o meu sangue para um só instante
Viver ao teu lado, depois, delirante,
Morrer aos teus pés...

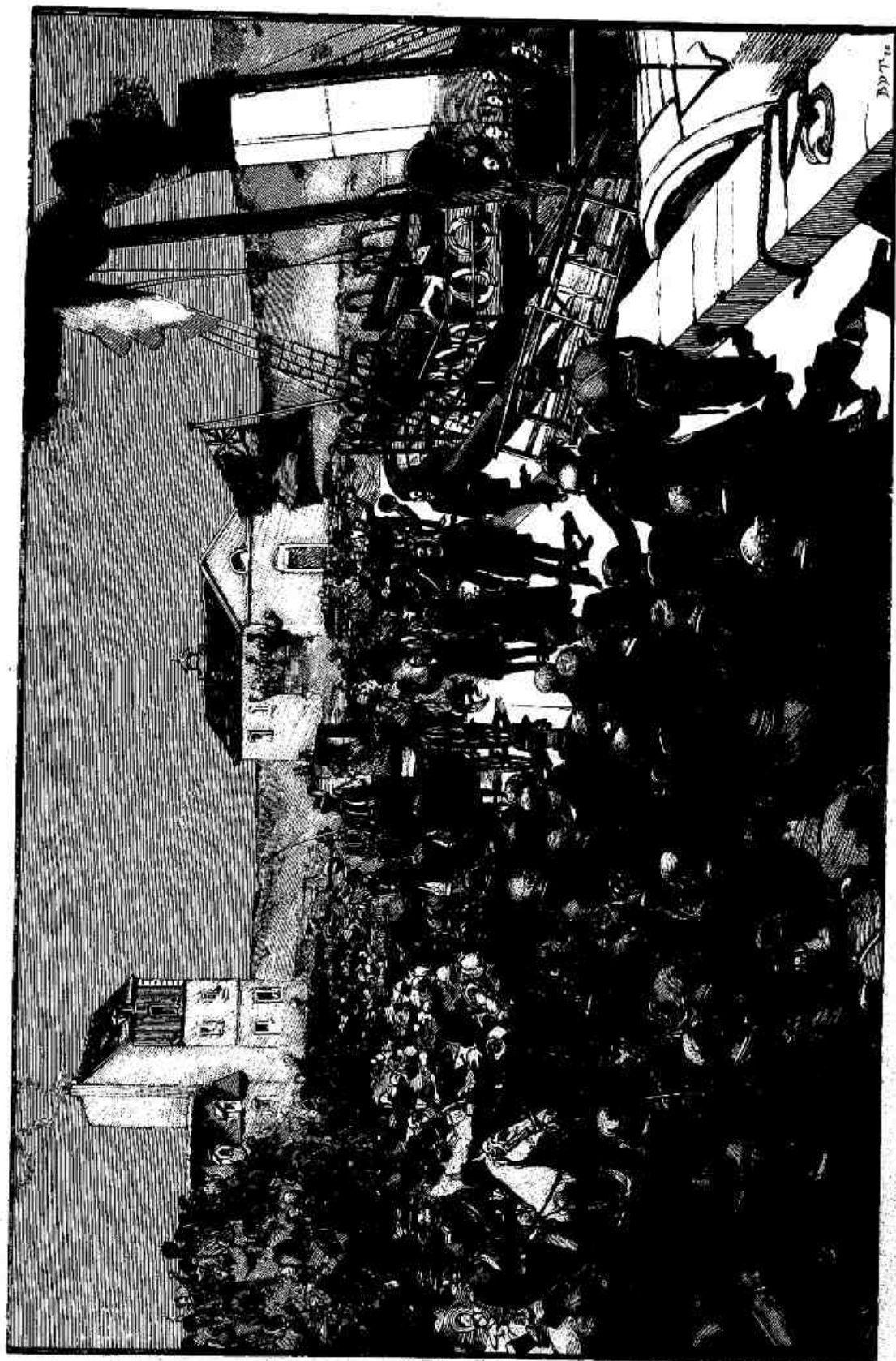
Oh! não, não me deixes que eu sinto-me preso
N'um riso dos teus:
Se tu me deixasses... de certo morria,
Meu lirio dos vales, meu astro do dia,
Meu anjo dos céus!

Lisboa, 1886.

Eça de Almeida.



FRANÇA. — A EXPULSÃO DOS PRÍNCIPES. — O conde de Paris deixando o Castelo d'Eu.



FRANÇA. — A EXPULSÃO DOS PRÍNCIPES. — O Conde de Paris e sua família chegando aos coas de Troper para embarcar no transporte inglês « Victoria »



NOTAS E IMPRESSÕES

HOJE, são os estrangeiros que estudam e estimam a nossa antiga literatura: nós não. A crescente e hoje quasi total des-nacionalisação do espirito publico é o facto mais consideravel da nossa psychologia collectiva, nos ultimos 30 annos. Os da actual geração, pode dizer-se que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portuguezes. Ha por ali muito rapaz intelligente e, a seu modo, instruido, que conhece mais ou menos Molière, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto do Gil Vicente, uma canção de Camões, uma egloga de Bernardim Ribeiro ou de Bernardes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.

Os que conhecem um pouco intimamente a historia das revoluções portuguezas n'este seculo (não fallo só das politicas) e tem reflectido sobre ella, acharão facilmente a explicação d'este facto, e mais do que a explicação, a necessidade d'elle. Mas nem por isso deixa de ser coisa triste de considerar este abysmo de esquecimento, que se abre cada vez mais largo entre o pallido, anêmico e inexpressivo Portugal de hoje e aquelle seu grande ascendente, o heroico, pittoresco e inspirado seculo XVI. A falta de sentimento nacional poderia, até certo ponto (no que diz respeito ao estado da nossa antiga litteratura) ser supprida pelo sentimento historico, pela curiosidade critica e philologica, como dizem os allemães: mas a decadencia dos estudos historicos tem vindo acompanhando *pátri passu* a decadencia do sentimento nacional, sem que um ponto de vista mais largo, puramente scientifico, viesse, como em França, por exemplo, substituir a efficazmente, para compensar aquella falta, pelo menos na esphera da intelligencia e do gosto.

ANTHÉRO DO QUENTAL.

Os supplicios moraes ultrapassam as dores physicas em toda a altura que existe entre a alma e o corpo.

BALZAC.

O peor dos descontentamentos, é o descontentamento de si proprio.

H. FOUQUIER.

Uma bella citação é um diamante no dedo do homem d'espirito, e um cullau na mão d'um tólo.

Padre Joseph Roux.

É difficil catalogar com exactidão os artistas, de qualquer genero, de uma epoca determinada, e põe-os no seu lugar por numero de ordem. É isto o segundo? É o terceiro? É o primeiro? É o quarto? Ha artistas, assim como ha escriptores de especial eleição, para com os quaes deve considerar-se, unicamente, sem outras razões, e sem querer saber-se de mais nada, que, para este ou para aquelle, nos leve a nossa propria inclinação, o nosso temperamento, as propensões do nosso espirito.

Não estamos vendo todos os dias, que, para a estimacão que se dá ás obras de theatro, tudo é, estes quezem palhaço, — aquelles maravilhas de estylo, — outros a extenção mais ampla, ou então a mais restricta e mais sobria, que se possa dar ao dominio pittoresco da lingua?

Para os actores, para as actrizes, o mesmo é: a variedade dos juizes faz a variedade dos julgamentos.

Júlio César Machado.

Os antigos editores portuguezes nunca primaram por criticos: se ainda hoje é tão raro encontrar um que o seja! O editor portuguez era, antes de tudo, um devoto: elle sabia á estacada, não para apurar um texto, o texto preciso, com as suas lacunas, de-

feitos ou erros, se os tem, mas para levantar o seu poeta acima de todos os outros, attribuindo-lhe o maior numero possível de composições e com a forma mais perfeita possível. Se encontrava um papel velho, no canto d'alguma bibliotheca, devia ser do seu poeta: publicava-o. Se os versos eram maus, e porgua a copia estava errada: emendava-os. E é assim que, de edição para edição, foi crescendo o numero de interpolações e emendas, com que o texto cada vez mais se ia deprimando.

ANTHÉRO DO QUENTAL.

O castigo dos escriptores licenciosos e immoraes consiste em que nem toda a gente os lê, nem ninguém confessa tê-los lido.

Padre Joseph Roux.

A poesia, é a verdade endomingada.

INDEX.

A democracia, á maneira que triumphou, perverte-se, parecendo preparar-se para exercer um despotismo sem nome, o despotismo anónimo da multidão, o achatamento universal.

ANTHÉRO DO QUENTAL.

A maior parte dos homens são como o iman: tem um lado que repelle e um outro que attrae.

VULTAIRE.

Saber muitas linguas, é questão d'um ou dois annos; ser eloquente na sua, custa meia existência.

INDEX.



ASSUMPTO PARA UMA PEÇA

FALLAVA-SE entre homens, no fumo, depois de terem jantado. O judeu Pereira, aquelle director de theatro tão conhecido pelos seus collarinhos posigos, marmoreos e as suas gravatas triumphantes, pousava ao lado da chaminé, de pé, tendo na mão um copo de curação.

— «A anedocta, exclamava, tudo está na anedocta. Uma peça nunca é boa se o assumpto se não pode contar em cinco minutos... Quando um autor me vem fallar d'uma comedia á hora do almoço, corto-lhe de repente a palhata e digo-lhe: — É capaz de me contar o enredo antes de eu ter tomado este ovo quentes?... Se não pode, a sua peça de nada vale!... »

E o Pereira saboreou o seu copo de curação.

— « Não sou auctor dramatico, diz Mauricio, o addido d'embaixada, do fundo da poltrona onde estava enterrado, porém, sou capaz de lhe contar uma anedocta de que um auctor tiraria um grande partido. Sómente, o tempo de engalir um ovo quente, o que é deveras curto... »

— « Concedo-lhe uma omelette, respondeu o judeu, rindo com o seu largo riso... Mas desconfio um pouco das ideias para peças, dos homens do mundo... Enfim, conte sempre. »

— « Pois bem! A historia correu todos os salões de Vienna, quando ali estive. Havia n'aquella cidade um medico muito afamado para doengas do coração. Chamava-se — mudo naturalmente os nomes, porque a historia é tragica, — chamava-se o doutor Arnold. Tendo apenas quarenta annos d'idade, tinha já uma magnifica clientela. Era um bello homem, muito

elegante, com uma figura regular, grandes suissas louras, finalmente, o verdadeiro typo austriaco... mas dois olhos á americana, azues e frios como o aço, que davam que pensar.

« Uma familia russa residente em Vienna — chamemos-lhes os Skebeloff — mandou chamar o doutor para o consultar acerca d'uma menina, filha da casa, em quem o doutor reconheceu logo á primeira vista um principio de aneurisma. Devia causar uma grande impressão austriaca aquella menina... Imaginem! Applicar o ouvido contra o peito d'uma linda trigueirinha de dezanove annos, e bater-lhe sobre o coração, como quem diz: — Pode-se entrar?... »

— « Mauricio, interrompeu o dono da casa, deixemo-nos de graças de comedia... O senhor prometteu-nos um drama. »

— « Ha de tê-lo, socegue... Posto que recebidos na boa sociedade, estes Skebeloff eram um pouco suspeitos. Viviam no hotel. O pai Skebeloff ostentava peliças demais, no inverno. Viviam á grande, mas os brilhantes da mamã passavam por serem falsos... E além d'isso, duas filhas para casar, duas filhas bonitas de mais para serem uteis para alguma coisa. Enfim, sociedade equivooca. Mas o doutor estava apaixonado; peço á sua doente — Mlle Julia se chamava ella — em casamento, deixaram fazer-lhe a corte, casou no fim de trez meses, e a familia Skebeloff, subitamente enfastiada de Vienna, soltou o vóo para novas mezas redondas d'hoteis! A mulher do medico, *frau doctorin*, como se diz por lá, agradou imenso á sociedade viennense. Os recém-casados eram muito sympathicos; o doutor amava Julia como sua mulher e como sua doente; adorava-a e tratava-a. Este romancinho era o encanto das allemãs sentimentaes. M^{me} Arnold, cujo saude augmentava a olhos vistos, já apparecia no mundo, e já val-sava algumas vezes... »

— « Apesar da sua doença de coração? »

— « Sim. Porque parecia tão restabelecida, que até seu marido, como bom medico que era, lhe permitia uma valsa de tempos a tempos. Mas creio que lh'a teria prohibido, como homem ciumento que tambem era. Porque o bello capitão Blazewitz — um Appolo em uniforme branco — estava sempre inscripto em primeiro lugar no *carnet* de baile de M^{me} Arnold, e apertava-a ternamente contra a farda. »

— « Bom! exclama Pereira. Está feita a exposição, meu caro Mauricio, estão apresentados os typos... Encadeemos agora, como se diz em linguagem de bastidores, encadeemos! »

— « Está dito!... Um dia, o doutor descobriu um masso de cartas... »

— « Muito visto e muito usado, o masso de cartas! »

— « Pereira, o senhor é insupportavel! Pode pôr a ficelle que mais lhe agradar; mas, na minha historia, o que ha são cartas. »

— « Que dão ao marido a certeza da sua deshonra, não é verdade? »

— « Apparentemente. »

— « E que lhe fazem conceber um projecto de vingança!... »

— « Se conhece a historia, porque é que o senhor a não conta? »

— « Não, meu amigo, mas advinho-a. O que eu faço é advinhá-la. Ora o marido vingou-se... »

— « Por um d'estos crimes que ficam sempre ignorados. »

— « Então como é que o sabe? »

— « Porque o medico fallou... Sim, o proprio culpado, mais tarde, cedendo a esta irresistivel, a esta fatal necessidade de fazer confidencias que existe em todos os homens, e que faz da



BELIAS-ARTES. — A CAÇA DAS GAIVOTAS. — Quadro de Alfredo Guillon. — Gravura de Ch. Baudé.

confissão dos catholicos uma das instituições as mais...

— « Vamos depressa á historia, amigo Mauricio. »

— « Pois não direi nem mais uma palavra, resmungou o rapaz, meio vexado. »

— « Não se zangue, replicou o Pereira, quasi insolente. Pouparamos-lhe o trabalho de acabar as suas phrases... É o verdadeiro estylo de theatro... Veja Scribe, veja Sardou... Tudo no dialogo tem reticencias... Esfalso-me a repetição aos novos auctores! sobretudo, nada de estylo! Nada de litteratura! Ha pegos que cahiram por causa d'um adjectivo... Ninguém sabe o mal que pode causar uma metaphora... Por exemplo, os romanticos... »

— « Agora começa o Pereira! exclamou o dono da casa olhando para o judeu com um ar de zombaria, através do seu monoculo. Pois quando acabar, avise!... »

— « Tem razão... Dizia-nos pois Mauricio, que o marido... »

— « ... Imaginára uma vingança terrivel, mas só permitida a um homem da sua profissão. Julia não estava ainda completamente curada — e bem o sabia o especialista — d'esta doença do coração de que elle a tinha tratado durante dois annos, com tanto zelo e tanto amor. »

« Decidiu restituir-lhe essa doença! Contendo a sua colera, limitou-se a guardar junto de sua mulher a attitudde d'um marido inquieto e desconfiado, fazendo nascer assim o receio e a angustia no espirito da adúltera. Sabia, pelas cartas que tinha surprehendido, que paixão insensata se tinha apoderado dos dois amantes; tinha a certeza de que procurariam sempre ver-se, mesmo por entre perigos. Ora este Machiavel domesticado tratou de se aproveitar d'uma tal situação. »

« Desde essa epocha, um poder mysterioso pôz toda a casta de pequeninos obstaculos entre Julia e o sr. de Blazewitz, sem contudo os separar de todo. Fazia com que faltassem a todas as entrevistas combinadas, interrompia as correspondencias, perturbava e envenenava aquelles amores. E, n'esta vida cheia de commoções vivas e dolorosas, a saude de M^{me} Arnold alterou-se de novo, profundamente. »

« O doutor matava sua mulher com tanta certeza e precisão, como no tempo em que apenas pensava em cural-a. Ao momento do louco terror que dá á circulação uma actividade morbida, aquelle homem habilissimo fazia succeder longos dias de tristeza, que congestionam o coração e ali retém o sangue. Depois, repentinamente, affectava não ter nenhuns ciúmes, mostrando-se commovido até ás lagrimas com os soffrimentos de sua mulher. — « Mas o que é que se está passando, minha pobre Julia? » dizia-lhe elle. O meu diagnostico falla a cada momento. Parece ter o ar d'uma criatura que morre de desgostos. Não será feliz na minha companhia?... — E, ao mesmo tempo que observava com uma diabolica voluptuosidade os progressos do mal, crucificava a sua victima com desesperos hypocritas. »

« Passados seis mezes, as syncopes eram mais frequentes, as palpações mais rapidas. Tinha apparecido os mais inquietadores symptomas da aneurisma... Ah! ah! amigo Pereira, ainda bem que já me não interrompe! »

— « Ora essa... Estamos no segundo acto, no coração da peça. Mas o desfecho... o desfecho? »

— « Venha o desfecho! gritou Mauricio com o accento d'um criado de restaurante que pede á cozinha um novo prato. Aqui está... »

« Uma tarde, o doutor entrou em casa como uri trovão: « Sei tudo, minha senhora! O sr. de Blazewitz é seu amante! » — A pobre Julia tornou-se pallida, branca como uma toalha, e as

violetas da morte surgiram nos seus labios. — « Mate-me! disse. — Era exactamente o que elle queria. »

— « Jámais ergueréi o meu braço contra « uma mulher, respondeu Arnold. O vosso « cumplice foi quem pagou pelos dois. Acabo « de me bater com o sr. de Blazewitz... Ma- « te-o! » E Julia cahio inanimada sobre o tapete. Mas o doutor mentia. Nem sequer tinha tocado no bigode do famoso capitão, que passava por ser o primeiro *tireur* de Vienna. »

« Ajoelhou proximo de sua mulher estendida no chão, e pegou-lhe n'uma das mãos. O pulso ainda batia. Estava ainda com vida. Então o carasco prestou-lhe todos os socorros, e reanimou-a: — « A senhora vae pôr uma *toilette* de baile, todos os seus brilhantes, e « acompanhar-me ao baile da embaixada de « França, para que fiquemos convidados. » — « É impossivel... Não posso, não posso! » — « Vae-se vestir immediatamente, para partir-mos! Para o meu duello com o sr. de Blazewitz servi-me, como pretexto, d'uma questão de jogo. Mas a senhora está comprometida. E preciso que a vejamos ainda esta noite, « pelo meu braço, na sociedade. Senão, vão « julgar que me bati por sua causa, o ficarei « deshonrado... Vae-se vestir, ordeno-o!... »

A desgraçada senhora não podia desobedecer. Como resistir ao homem que ella tão cruelmente tinha ultrajado? Para fazer a sua *toilette*, que agoaia! E seu marido arrastou-a para o baile da embaixada... »

« Quando ali chegou, esmagada, torturada, sem forças, não se sentou — deixou-se cahir, mesmo no salão d'entrada, onde o criado, a cada instante, gritava o nome dos que chegavam. O doutor, em grande *toilette*, soberbo, com todas as suas commendas, estava de pé, por detrás da cadeira de sua esposa. »

« De repente, depois de ter lançado um olhar para a ante-câmara, aproximou-se do ouvido de Julia, como quem vae balbuciar um galateio. — « Pois a dor ainda te não matou, miseravel? » — « Ainda não, infelizmente, murmurou a supplicada. — « Pois bem, olha, accrescentou mostrando-lhe a porta, e morre d'alegria!... »

« N'este momento, o criado annunciava com voz sonora: « O capitão barão de Blazewitz! » O bello official entrou, com o sorriso nos labios, e antes de tudo, como fazia sempre, procurou a sua paixão com o olhar. Quasi que a não reconheceu. Acabava de se erguer da cadeira, hirta, direita, como se fôra movida por uma molla, livida, medonha! Lançou-lhe um olhar hallucinado, levou a mão á garganta, e cahio em pézo no meio do chão, morta, bem morta d'esta vez!... »

« Isto causou um immenso escandalo. O doutor lançou-se sobre o corpo de sua mulher lançando gritos e gemidos, e o desespero do sr. de Blazewitz teria causado grande sensação, se um amigo o não tivesse arrastado consigo! Todos os convidados fugiram. Os criados comeram tranquillamente a cela. E a embaixatriz ficou tristissima e deveras zangada, porque tinha mandado fazer de p.posito para o *cotillon* cabeças grotescas que haviam de produzir o mais extravagante effeito. »

Mauricio calou-se. Houve um momento de silencio. Chegou quasi a haver calafrios, e o proprio Pereira teve a habilidade de não dizer nenhum disparate.

Mas a dona de casa appareceu, afastando o reposteiro de tapeçaria do fumo.

— « Então, meus senhores, ainda não chegaram ao fim os seus charutos? As senhoras reclamam-os... »

Quando se passava para o salão, Pereira deu o braço a Mauricio.

— « E o doutor, que foi feito d'elle? »

— « Como lhe disse, quasi se orgulhou, n'um dia de imprudencia, do seu crime, que

escapa de resto a qualquer castigo. Mas o viver em Vienna tornou-se impossivel. Hoje mora em Varsovia, onde tem uma grande clientela, e onde continua a repetir aos doentes da sua especialidade: — « O essencial é não terem commoções, nada de commoções!... » — Mas que diz o senhor d'este meu assumpto para uma peça? »

— « Impossivel, meu caro. Todos os criticos diriam que era imitado da *Julie* de Octave Feuillet! »

FRANÇOIS COPPÉE.



CARIDADE

(Oferecemos aos nossos leitores um magnifico capitulo do bello livro que a illustre escriptora sra. D. Maria Amélia Vaz de Carvalho acaba de publicar, intitulado — *Cartas a Luiza*. A *ILLUSTRAÇÃO* cumpre um grato dever tornando conhecido dos seus leitores esse trecho d'um volume que é digno de figurar em todas as bibliothecas que se prezam de possuir volumes serios bem meditados e bem escriptos.)

EU não conheço nada mais digno de sympathia e da admiração do que o espectaculo de solidariedade e de amor patriótico com que o Brazil responde a qualquer apêllo que lhe façam os seus irmãos de além Atlantico.

Nunca a voz da patria deixou de ser ouvida e deixou de ser acatada pelos que lá moirrejam na faina quotidiana; nunca a um lamento de Portugal deixaram de responder com generosidade entusiastica os filhos da nossa patria, que foram buscar longe d'ella o pão que lhes faltava aqui, e aquelles que, nascidos lá, só têm a captivar-lhes a sympathia, a tradição de um nome, a imagem vaga de um paiz não visto.

Ou se trate de aliviar uma miseria ou de commemorar uma gloria, ou se trate de prestar homenagem a um vulto historico ou de crear uma instituição util, nós todos sabemos que podemos contar com o Brazil, que o Brazil nos estenderá a sua mão valedora, a sua mão fraternal, e que a coadjunção dos nossos irmãos, que estão longe, será das mais proficias e das mais preciosas.

E que, no fim de contas, o amor da patria não é como muitos querem dizer, uma convenção ou um raciocinio.

Não; o amor da patria é um instincto irreductivel, é um sentimento poderoso que nós temos desde o berço, mas que só em certas condições especiaes se manifesta completamente.

A imagem doce, querida, envolta em um véo de mysteriosa saudade, da mãe, que foi cedo roubada ao amor dos seus filhos, fica sendo para ellas a companheira purissima e inseparavel da existencia inteira.

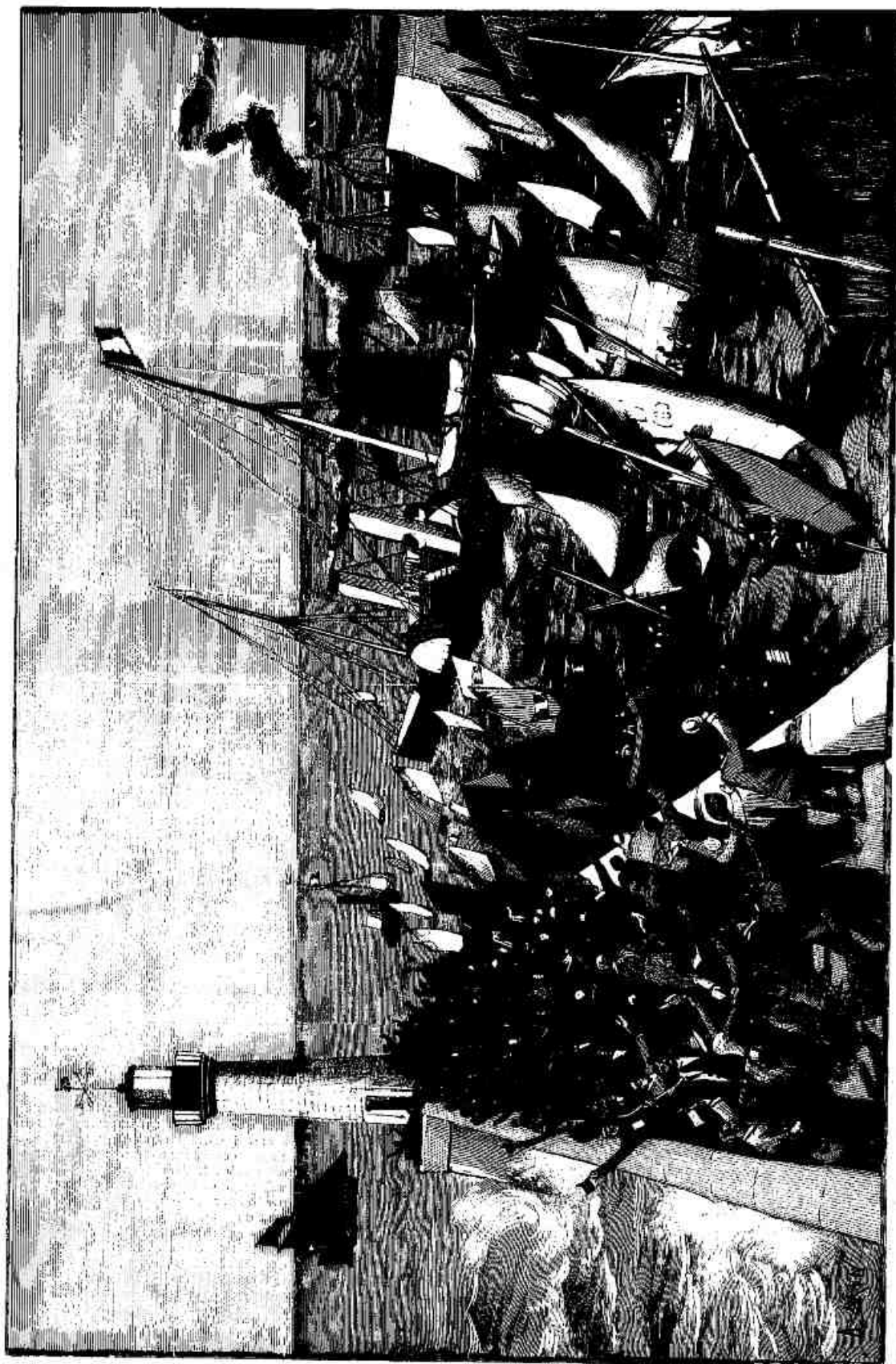
Os filhos não sabem sequer que ella tenha um defeito.

Julgam-na perfeita como a divindade; aligera-se-lhes que nenhuma das impurezas da terra, inherentes á nossa mesquinha natureza, a maculou. Ella não conheceu o que eram paixões, nem o que eram culpas!... Foi sempre e ficará para sempre na memoria respeitosa e enternecida dos que a perderam, a suave, a impecavel, a immaculada figura angelica.

Isto que succede aos filhos que prematuramente ficaram orfãos de mãe, succede tambem ao exilados, que nos dias alegres e optimistas da mocidade ficaram sem patria.

A terra onde nasceram avulta sob o mais delicioso e encantador dos aspectos ante os olhos da sua saudade. Não ha clima mais doce, não ha céu mais puro, não ha arvôres mais copadas, nem cuja sombra seja convidativa de mais consolados ocios, não ha noites mais povoadas de estrellas, não ha luz de luar mais pallida e cariciosa!

Os homens que se conheceram e deixaram, eram todos bons. Poderá! Quem não é bom julgado por um coração de vinte annos!...



FRANÇA. — A EXPULSAO DOS PRINCIPES. — A multidao aclamando a familia d'Orleans, no momento em que o « Victoria » levantou ferro.



PARIS. — A ESTATUA DE LAMARTINE. — 1886.

As mulheres eram todas lindas! Que mulher não é linda sob o magico poder creador do olhar adolescente!...

A patria, vista assim de longe, é a luz azul de uma saudade recolhida e casta, torna-se a paixão mais íntima do exilado.

Tam delectos para os que lá ficaram vendo-lhe dia a dia a inercia, a decadência, a indiferença que es-tilian, o egoísmo que anniquila todos as forças? Esmora!

Pues quem partiu não tem senão encantos. É d'este modo que pôde explicar-se o amor que os filhos de Portugal, que vivem no Brazil, con-servam e manifestam pelo seu torrão patrio.

As duas formas mais sensíveis e mais formosas d'esse amor são a admiração por tudo que é gloria nesso, e a caridade por todas as misérias que d'aqui implorem o socorro dos nossos irmãos de alem-mar.

A caridade está sendo realmente, entre as paixões boas aquella que predomina no nosso tempo. Temos muitos amores culpados, mas o amor dos pobres, entre os sentimentos que florescem na alma moderna, é o sentimento mais acrisolado e mais puro. Gosta-se muito do oír pelos gozos violentos que elle dá, mas também pelo puro gozo de o parilhar com os desgraçados. Seja-nos o beldad de erros terríveis esta suave virtude chamada caridade, que estabelece uma transição radiosa entre a indiffe-rença antiga pelos males individuaes, e a futura justiça que dará a cada um um pedço de pão á mesa commum dos que trabalham.

A respeito de beneficência publica têm-se es-crito centenas e centenas de volumes.

Ho quem diga que ella, em vez de atenuar a mi-séria, a aggrava e perpetua; ha quem diga que ella é um estimulante para a preguiça do proletario; ha quem diga que ella afrouxa o amor de família pela criação de asylos, e o amor do trabalho pela imprevidencia com que se substitue, aquelles a quem competia crear novos elementos de produção, para satisfazer as necessidades que todos os dias mais crescem e avultam em torno do nós.

É verdade que a cada asylo que se cria e se pre-nche corresponde logo o apparecimento de uma multidão de candidatos á protecção d'esse abrigo da miséria; que a cada hospital que se abre acodem milhares de enfermos, que lá não podem ter so-corro pela desproporção que existe entre as con-dições do estabelecimento e o numero dos que im-ploram admissão.

E no entanto quem ousaria afirmar que a miséria, a doença, a prostituição, todas as lepras, que conta-miam e ensanguentam ainda o corpo das modernas sociedades não seriam muito mais funestas, não se haveriam desenvolvido em muito mais alto grau, se esses asylos, esses hospícios, essas instituições de caridade publica ou de caridade particular não ti-versem existido?

A beneficência publica, organizada como está, tem gravissimos defeitos organicos, tem peccados ori-ginaes cujo resultado é porventura funesto áquelles a quem soccorre...

De accordo. Mas qual é a instituição perfeita? mas qual é o problema social, que ainda foi resolvido de um modo absoluto?

Em torno de nós ha muitos palliativos, mas ha poucos remedios.

A constituição da família, contaminada desde sempre pelo crime de desigualdade injusta entre o homem e a mulher, fazendo d'esta, na lei, a eterna pupilla e a eterna paria, embora nos costumes lhe dê a falsa apparencia de uma victoria frivola, é por-ventura uma instituição perfeita?

O código fundamental, pelo qual se rege cada uma das sociedades de que temos conhecimento, é um código impecavel, puro de toda a injustiça? Bem sabem que não.

Por ora a caridade, considerada como que a pre-cursora da justiça, é o mais deo ideal que os nossos olhos procuram!

Dos amplos céos, despoventos e silenciosos, tudo que o nosso coração amou, tudo que o nosso es-pirito, avido de mysterio e de luz creou de ineffavel-mente doce e de infinitamente grande, cobriu em sinistra, medonha e tragica derrocada no sopro ge-lido da moderna, da implacável sciencia humana.

O sonho da liberdade, esse sonho que fez mar-tyros e que fez apostolos, que fez heros e que fez allucinados, teve já a realização mais completa a que porventura lhe será dado attigir.

E, no entanto, ficou de pé a eterna questão que ninguém resolve. A miséria ergue ainda no espaço illuminado o seu vulto andrajoso e sombrio.

A religião dissera aos pobres, aos famintos, aos

esfarrapados, nos que tinham fome e sede de jus-tiça e de amor: « Depois d'esta vida virá a outra, e lá, vós que sois os ultimos, sereis os primeiros, vós que sois os miseraveis e os desprezados, sereis os opulentos e os queridos. »

E deante d'esta promessa, que em si continha um munho de consolagões bemitas, os pobres caminha-ram seculos e seculos avengidos ao passo da sua cruz tremenda.

Nas allucinações do fomo sonhavam as delicias do nectar paradisiaco; nos humilhantes agonias do abandono e do desprazo sonhavam com a purpura dos triumphos immortaes; no desamor, na isolacão, na mesquinha obscuridade de um viver feito de an-gustias, sonhavam com o seio doce de Maria, que havia de abrigar-os, com o sorriso meigo do Sal-vador, que morrerá só para os redimir da eterna morte.

E um dia um sopro ge-lido de douda passou pela face da terra entristecida.

E os miseraveis ululantes e desesperados bra-davam a um tempo: « E se porventura nós não somos mais que os illudidos de uma falsa lenda, que as victimas passivas de uma mentira monstruosa?! Quem nos afirma que é verdade tudo que ha se-culos nos repetem e que ainda ninguém nos de-mostrou?! »

E á luz sinistra d'essa hora de desesperada amar-gura ellos evocaram a longa, a interminável, a som-bria legião de martyres que haviam morrido sem soltarem uma queixa, fiados em uma promessa, que talvez não tivesse realisação.

O que seria essa revolta suprema, que o século xvi soprou no mundo como o inverno sopra as tem-pes-tades, se ao sombo do boacoste immortel não suc-cedesse logo a chimera radiante, chamada liber-dade!

Tres seculos levou a conquistar a esquiva deusa, que hoje se deixa possuir pelo mais humilde.

A liberdade deixou de ser uma aspiração theorica para se tornar uma realisação tangivel, e o homem, soffreg sempre do melhor, depois de ter vencido e aniquilado a escravidão, protende vencer e anni-quillar a miséria!

É decisivo e critico este momento da vida hu-mana, tanto mais critico e tanto mais decisivo quanto é innegavel que, na sua longa lucta, a hu-manidade adquiriu forças mentes que não tinha, processos praticos que não possuia, ideias, que a pouco e pouco foi entesourando e que hoje lhe commoem um poder colossal. Elle já não é a visionaria a quem contentava o mysterioso e o vago, nem a entusiasta que se deixou ir atraz de falsos e aparentes triumphos.

A miséria?... Eis o inimigo.

Por que tantas angustias? Por que tantas priva-ções? Que lei medonha é esta que dá a uns todos os prazeres e que dá a outros todos os supplicios? Para que ao luxo desenfreado d'aquelles corresponde a immonda, a asquerosa pobreza d'estes?

Pois não haverá mais algum de descobrir uma nova fórmula que equilibre estes dois estados anti-naturaes?

A interrogação denunciadora de procelas subter-raneas, que refundirão completamente o presente estado social, responde a caridade, tirando as sobras de um o thulo que atenua a privação incompor-tavel de outro!

Sento a fôrma mais visivel do altruismo humano, ella é no fundo um sentimento egoistico em que entra muita compaixão instintiva, mas de envolta com o vago terror das catastrophes proximas e adi-vinhadas ao longe...

Justo é, pois, que nós, os que vivemos n'este momento transitorio, concorramos quanto em nós cabha, mesmo á custa do permanente sacrificio das nossas ambições e das nossas cobias, para que a transigencia d'uns demore a inevitável explosão de revolta do maior numero.

A caridade é uma valvula de segurança, é um dique opposto á insurreiçã, á invasão selvatica e tremenda d'essas hostes de barbaros famintos, que do fundo das defumadas fabricas, que do attro das officinas escuras, que das entranhas palpitantes e sinistras da mina asphyxiadora, que dos campos áridos e desolados cuja negra terra esteril já não paga o suor humano, espreitam o rico com um olhar que tem o seu que de satanicamente ame-açador!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



VISÕES DA NOITE

(A Ambrosia de Quevedo)

Quando o somno me invade, e eu, de cansado,
No Sonno afinto as atulhações,
Vem sentar-se, piedosas, a meu lado
Um as doces, santissimas visões:

Meu Pa e minha Mãe, grão sagrado,
Minhas pobres irmãs, almas clares...
Chorem todas, e eu sinto me banhado
De puras e bonas consolagões.

Então radia, a palpitar de esperança,
Deu-me eu me pinto um arco-de-alfama,
Que lhes enxaga os prantos doloridos...

Fitamos calados, E, accordando,
Eu sinto a alma mergulhar sonhando
No ceo das seus ultimas gemidas!

25 - 4 - 84.

JOAQUIM DE ARAUJO.



MEMENTO

NUNCA a immigração (oi mais favorável) para o Brazil do que em dezembro de 1885. N'esse mez chegaram ao Rio: — 1.887 in-lanos, 674 portuguezes, 414 allemães, 147 hespanhoes, 81 austriacos, 28 francezes, etc. 888 desembarcaram em Santos. 334 emigrantes voltaram immediatamente para as nações d'onle haviam saído, dos restantes 3.775 espath-raram-se pelas diversas provincias do Imperio.

Os cugumelos (champignons) que são tão venenosos, e que portanto são aproveitados nas casas de pasto, ainda mesmo assim não são totalmente inoffensivos.

M. Mondé descobriu em muitos d'esses cugumelos al-teracoes varios produzidas alcoholides analogos aos que nascem nos cadaveres em decomposiçã.

As suas propriedades são quasi eguas e dissolvem-se em ether ou alcohol. Podem occorrer varios inciden-tes no individuo, alguns bastantes graves, e outros até mortaes.

É, pois muito necessario escolher com cuidado os cugumelos, mesmo aquelles que são bons para comer e reger-tar d'estes ou que apresentem o menor estado d'altu-ração.

Para conservar a vista é urgente evitar de fixar o olhar sobre os objectos que costumam a distinguir em di-ffinça, quando a luz é insufficiente.

Tem-se visto homens perder rapidamente a vista por fixar os olhos, durante algum tempo, no sol.

A falta de sustento é um perigo para a vista, assim como a embriaguez continua.

O primeiro omnibus do ferro electrico que se con-stituiu foi nos Estados Unidos, em Cleveland (Ohio) para transporte de viajantes e de mercaderias. Tinha a exten-são d'uma milha.

Esta experiencia fez grande ruido entre os engenheiros americanos e produziu um grande successo para a com-panhia que se deoellu a introduzir a tracção electrica em toda a rede de Cleveland que comprehende uma ex-tensão de 30 milhas (32 kilometros).

A machina dynamo-generadora está situada a 600 me-tros da estação principal; e a corrente electrica é con-duzida d'esta machina a um motor, collocado sobre o trem pelos conductores que veem de todos subterraneos. Estes conductores dispostos entre os rails são constitui-dos por barras do ferro egues ás dos rails dos outros caminhões do ferro. Uns arames metallicos que tocam sobre essas barras, conduzem a corrente ao motor. Pó-

deu-se sentir quinze carroças em um só trem com uma única machina electrica.

Esta construção de linha electrica só custa \$5.000 francos por milha; a experiencia de Cleveland realisa uma grande economia na construção das linhas ferricas futuras.

Os leitos de penas, sob o ponto de vista hygienico, são um perigo para a saúde. Muitas pessoas não podem dormir sobre elles, sem experimentar uma agitação em todo o corpo.

A impossibilidade que ha em os lavar é um dos seus maiores inconvenientes; tornando-os um receptaculo de misérias e aptos a impregnarem-se de doenças contagiosas.

Recommenda-se muito o sangue quente aos anemicos. Um copo cheio de sangue d'aves de caça ou aves domesticas, tomado todas as manhãs, é um excellent corrobicante.

Será sempre bom juntar-lhe uma dose, embora muito diminuta, de rhum ou de kirsch. As pessoas a quem a vista do sangue faça má impressão, podem tomar a mistura em um caldo, ligeiramente temperado.

Quando o frio é intenso e principia o inverno, com todos os seus horrores e com todo o seu tedio, não se principia a fallar senão em bailes.

A dança, quando é usada com moderação, é um dos melhores exercicios. Activa e facilita todas as funções digestivas e nutritivas, desenvolve a respiração, augmenta certas secreções e determina a effluencia de sangue para as extremidades. Faz repouzar o cerebro, fatigado por uma longa applicação, equilibrando a saúde e o corpo.

Diz Bouchardat que a dança desenvolve a saúde e a graça. Um curso de dança seguido regularmente, dia a dia, pode transformar uma menina baeta, tornando-lhe o talhe mais arioso e robustecendo-a.

Michel Lévy diz que a dança faz engrandecer o thorax. A circulação e a respiração precipitam-se, o calor augmenta, o suor corre e toda a economia animal experimenta um util e agradável exercicio.

No entanto ha varios inconvenientes que convem remediar, e são: a transpiração muito abundante, a curva do peito, uma fadiga extrema, uma bronchite, uma pneumonia, palpitações e febre.

Todos estes incidentes são devidos a varias causas: Quasi sempre se dança numa sala onde a atmosphera está muito elevada pelos caloríferos mal regulados ou pela illuminação muito forte. Uma tal atmosphera é perigosa para os pulmões e por consequencia para a saúde.

As senhoras costumam muito a apertarem-se em colletes com barbas de aço ou de baleia, muito fortes — e eis mais um inconveniente para a respiração.

Outras vezes apresentam-se muito decotadas, e aqui está um meio de apañhar á vontade uma constipação, uma bronchite e uma pneumonia, por causa das correntes d'ar.

Dançar muito e durante muito tempo é outro inconveniente.

O calçado apertado faz com que se martyriem os pés durante o baile e não permite senão difficilmente o equilibrio.

As bebidas geladas fazem parar bruscamente a transpiração produzida pela dança, transpiração util, filha do excesso de calor.

A indigestão produz-se quando dançamos logo após de haver comido. Deve esperar-se pelo menos duas horas.

Nunca se deve dançar quando estamos doentes dos pulmões. A atmosphera que se respira nos bailes é má para essas doenças, e a dança muito violenta pode occasionar escarros de sangue.

Finalmente as pessoas que soffrem de qualquer doença cardíaca devem abster-se de tomar parte n'um baile.

Um theatro quasi celebre de Milão vai desaparecer em breve: é o theatro de Santa Redegonda, situado nas proximidades da Basilica. A celebridade vem-lhe do seu pateo interior onde ainda se conservam os restos do convento de Santa Redegonda e onde as suas mórdores, as freiras, eram reputadas como artistas musicas de primeira ordem e d'um tal renome que chamava aquella casa d'oração e arte a amadada visita de varios soberanos e pessoas illustres das cortes da Europa.

Hoje em vez do theatro vai construir-se um grande palacio para o Banco Nacional.

As familias são sempre muito numerosas no Canada. Assim uma familia de treze filhos não se conta, por ser muito reduzida.

Diz o redactor do *Canadien*:
« O pai de quem escreve estas linhas era o 18º filho

da casa. Um dos meus tios teve dezesseis filhos, uma das minhas tias teve tambem duzaseis filhos, a outra dezotto; uma terceira ainda dezotto, e uma quarta uma vinte e dois! »

O intendente da Instrução Publica é o vigessimo sexto filho da familia!

Ainda sobre o Canada.

Mrs. Mariann Léveillé, nascida em Saint-Germain, acaba de fallecer em S. Miguel de Yamaska, provincia de Québec, com a idade de 94 annos, depois de ter augmentado o mundo com 519 viventes, entre filhos, netos, e bisnetos.

Não podemos crer que no universo inteiro, diz o *Courrier du Canada*, se encontre caso d'igual fecundidade.

Eis a estatística dos volumes consultados no Rio de Janeiro nas Bibliothecas publicas, durante o primeiro semestre de 1885:

Na Bibliotheca Nacional: — 6.438 obras, das quaes 3.733 eram em portuguez, 2.564 em francez, 78 em latim, 6 em arabe, 10 em inglez, 5 em italiano, 5 em hespanhol e 3 em allemão.

Na Bibliotheca do Exercito: — 655 obras, das quaes 503 em portuguez, 183 em francez, 4 em inglez, 1 em hespanhol e 1 em grego.

Na Bibliotheca da Marinha: — 1.373 obras, sendo 733 em portuguez, 540 em francez, 76 em inglez, 1 em allemão, 4 em italiano, 15 em hespanhol, 3 em latim e 1 em guarani.

Na Bibliotheca municipal: — 3.876 obras, sendo 2.260 em portuguez, 1.487 em francez, 67 em inglez, 5 em allemão, 3 em italiano, 33 em hespanhol, 1 em grego, 14 em latim.

Na Bibliotheca da Eschoa Polytechnica, 1.767 obras, sendo 171 em portuguez, 1.562 em francez, 24 em inglez.

No Gabinete de leitura portugueza: — 13.355 obras, sendo 12.063 em portuguez, 1.312 em francez, 7 em inglez, 3 em hespanhol.

Somma total: 15.480 obras em portuguez, 7.602 em francez, 158 em inglez, 5 em allemão, 177 em italiano, hespanhol, grego e guarani.

Na Republica Argentina receberam-se durante o anno de 1885 o total de 108.683 emigrantes. N'este numero entra o elemento italiano 85 por 100.

A colonização da provincia brasileira do Rio Grande continua em grande escala.

Em dezembro chegaram aquella provincia 1.000 emigrantes que desembarcaram na colonia Santa Isabel, e esperavam-se ainda mais 1.000 para a colonia Conde d'Eu.

A sociedade d'immigração do Porto-Alegre communicou á Sociedade central de Rio que se esperam ali 25 mil a 30 mil italianos.

A cifra parece exaggerada. A colonia Silveira Martins contem, segundo um relatório do sr. Corte, consul italiano em Porto Alegre: — 5.253 italianos, 500 brasileiros, 152 austriacos do Tyrol italiano e 57 russos.

A França possui 800 mil hectares d'agua doce, sustentando em media 40 kilogrammas de peixes por hectare.

Esta produção pode-se bem quadruplicar, attendendo ao continuo fornecimento d'agua doce das nascentes e a protecção dada aos peixes pela lei que prohibe a pesca fóra do tempo proprio.

Para a consumação dos peixes d'agua doce é a França tributaria da Hollanda, da Suissa, da Hongria, da Inglaterra e da America.

Em 1884 a quantidade de peixe importado do estrangeiro elevou-se a 7 milhões de kilos, e a venda em Paris, regulando o kilo a 2 francos (360 reis) chegou a um total de 14 milhões.

As importações consistem especialmente em salmões e trutas. Procura-se actualmente povoar os rios francezes d'estes mesmos peixes, por meio da fecundação artificial.

A truta cresce rapidamente n'um meio agradável. Ao fim de dois mezes ella chega a pesar facilmente 30 grammas e attinge um comprimento de 15 centimetros. As trutas de 20 mezes pesam ás vezes 300 a 400 grammas e attingem 30 a 34 centimetros.

Na eschoa de piscicultura de Lézardeau, na Bretanha, collocaram-se d'incubação emapparelhos do estabelecimento

40 mil ovos de salmão. D'estes, 20 mil geraram e foram povoados a ribeira da Ille, e uma outra pequena parte foram destinados para uma ribeira proxima.

O *Mouleur des Produits chimiques* descreve ultimamente uma nova composição chimica destinada a tornar incombustivel o papel, a madeira e os tecidos.

Consiste n'uma infusão de madeira de asevinho e de chloro de sodium que se decanta depois de meia hora de fervura. Junta-se-lhe ainda uma certa quantidade de sulfato de zinco, de chlorhydrato d'ammoniac e de alum. Aquece-se a fogo brando durante 4 horas, evitando-se a fervura, junta-se-lhe cola de peixe e agita-se até que a mistura se lica inteira.

Este liquido passa-se por uma peneira fina e estende-se com pincel, em camadas successivas a variavels sobre os objectos que se querem tornar incombustiveis. Duas camadas e o bastante para o papel e os tecidos. É bom impedir a vaporização por meio d'uma solução gelatinosa.

O *Electricien* descreve um novo processo de soldura a baixa temperatura.

Certas peças metalicas e mesmo o vidro e a porcelana não podem suportar uma temperatura elevada. Não se prepara uma liga leve mas que se agarre bem á superficie, da maneira seguinte.

Toma-se uma porção de cobre pulverulento obtido por meio da precipitação pelo zinco n'uma solução de sulfato de cobre, e mistura-se n'um almofariz com acido sulfurico concentrado (D=1,85). Formam-se 20 a 36 partes de cobre, conforme a rigidez que se quer obter. Junta-se a esta mistura, agitando constantemente, 70 partes de mercurio. Quando se acha tudo bem misturado, lava-se com agua quente esta amalgama, para levar todo o acido, e deixa-se arrefecer-l-a.

Ao fim de 10 a 12 horas está bastante consistente.

Para a empregar, aquecemol-a até lhe dar a consistencia da cera, depois de a ter triturado n'uma almofariz.

Depois estende-se esta forma plastica sobre a superficie a soldar. Adhere melhor e completamente logo que arrefeca.

Esclarecimentos importantes sobre o serviço da distribuição da agua consumida em Paris:

Em 1785 para uma população de 600.000 habitantes havia uma alimentação diaria de 7.885 metros cubicos d'agua, isto é, 13 litros por habitante; em 1885 quando todos trabalhos estiveram terminados que digam respeito a canalização, haverá para 2.200.000 habitantes uma alimentação diaria de 650.000 metros cubicos ou 300 litros por habitante. Em vez de 85 fontes, contar-se-ão 17 mil aparelhos ou fontes publicas ou particulares; em vez de 455 concessões gratuitas e pagas, haverão 70.000 assignantes de contadores.

As quantidades de agua que chegam diariamente a Paris são, em totalidade as seguintes:

	metros cubicos
agua de nascentes.....	130.000
agua do canal de Ourcq.....	120.000
agua do Sena.....	170.000
agua do Marne.....	50.000
Total.....	570.000

Isto é 220 litros por habitante. A agua das nascentes nunca falta e a sua quantidade é sempre superior ao gesto.

Estas cifras são contadas a media geral e em dias de calor significam o maximo do calculo.

Paris e de todas as cidades do mundo, aquella cuja distribuição da agua apresenta mais vasta exploração. Assim Londres recebe 700.000 metros cubicos d'agua para alimentar diariamente 4 milhões de habitantes. Este serviço é feito por oito companhias.

Em Paris, os 2.000 kilometros de canalização permitem uma distribuição continua d'agua, em pressão, sempre disponivel, nos circuitos fechados.

O serviço publico está nas mãos da camara municipal que regula da maneira mais cuidadosa todas as exigencias e necessidades do consumo, segundo as estações, as semanas e os dias e segundo os accidentes diversos.

Para isso foi necessario montar indicadores de distancia e registros dos niveis dos reservatorios, indicadores da pressão da agua (que existem em numero superior a 200 nas columnas dos caudalímetros d'illuminación) e todo um serviço telegraphico e telephonico completo.

Assigna-se uma particularidade muito interessante e muito curiosa na estatística da cidade de Paris.

Sabe-se que em estado normal ha um excedente notavel de nascimentos masculinos sobre os nascimentos femininos. Ora ha 23 semanas que se nota o contrario em Paris. Os nascimentos do sexo feminino são quasi

Encontra-se em todas as Farmácias.
Lê-se a assinatura.

MEALHA e DIPLOMA de HONRA

ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHÃO
FRANCO 1000
E FERRUGINOSO
30 ALICATILLO

de CHEVRIER, Paris

Pharmacie de la 1^{re} Classe
de Médecine de l'École de Médecine
de Paris et de l'École de Médecine de Bordeaux

O NÚO CHEVRIER
é distribuído sob Alcatilho, Matas e Indicações,
e que mette segurança a propriedade do Nuo.

O NÚO DE FÍGADO DE BACALHÃO FERRUGINOSO
é o mais poderoso que se conhece atualmente e tem
sua produção feita de Vinho, com Tonicidade.

Distribuição geral em **PARIS**: Rua de Valenciennes, 31